



<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/raead>

ISSN: 2357-7843

JUVENTUDES: CONSTRUINDO SONHOS E PROTAGONISMO NA EDUCAÇÃO

Autor 1¹: Margareth Maria Araujo Mendes

Autor 2²: Vanildes Gonçalves Santos

Resumo: O presente artigo é um diálogo entre o educador, filósofo, pedagogo e um dos mais notáveis pensadores da Educação, Paulo Freire, e o educador, filósofo, sociólogo e referência da Educação na Sociologia, Pierre Bourdieu. Os autores confrontam os sonhos e projetos dos jovens na construção de sua autonomia e veem a Educação como um espaço e meio para sua concretização, principalmente através da inserção na faculdade, sendo protagonistas de sua vida e de sua história.

Palavras-chave: Educação. Jovens. Protagonismo Juvenil. Projeto de vida.

1. INTRODUÇÃO

O curso de especialização em adolescência e juventude, na modalidade a distância da UCB Virtual, apresentou uma gama de questões referentes às juventudes e que são de grande importância para conhecer, entender e colaborar para o desenvolvimento do protagonismo juvenil e a concretização do projeto de vida dos jovens. O presente artigo aborda essa questão a partir da Educação como lugar de construção do projeto de vida e da efetivação do protagonismo juvenil, buscando responder se o ensino colabora para isso ou dificulta, sendo mais um lugar de dominação e manipulação dos jovens e manutenção do sistema opressor.

¹ Possui graduação em História pela Uniana, atual Universidade Estadual de Goiás (1998). Pós graduação Lato sensu em Juventude Contemporânea pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos/RS (2005). É Mestre em Ciências Sociais pela PUC/SP(2009). Pastoral da Juventude é uma organização de Jovens da Igreja Católica. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5410368249634836>.

² Especialista em Adolescência e Juventude pela Universidade Católica de Brasília.



Para perceber o olhar dos jovens em relação a essa questão, foram feitas entrevistas com lideranças jovens da Pastoral da Juventude³ do Distrito Federal. Foram entrevistados 13 jovens, sendo 7 mulheres e 6 homens, na faixa etária dos 15 aos 29 anos, todos eles líderes de grupos de jovens ligados à Igreja Católica, durante um curso de formação de lideranças juvenis. Quatro jovens fazem o Ensino Médio, uma jovem já o concluiu, cinco jovens estão na universidade e 2 já concluíram o Ensino Superior. A pesquisa realizada com esses jovens foi comparada aos resultados da pesquisa *O sonho brasileiro*⁴, realizada pela empresa de pesquisa BOX em 2011.

Além das questões que traziam informações sobre idade, sexo, escolaridade e trabalho, três eixos nortearam a entrevista:

- que você deseja para seu futuro? Quais são seus sonhos e projetos?
- Você acredita que a Educação pode contribuir para a realização dos seus sonhos, do seu projeto de vida?
- Em sua opinião, qual o papel da Educação na construção dos jovens como sujeitos de sua história?

Na primeira parte do artigo, são apresentados alguns aspectos relacionados aos jovens, trazendo presente de que juventudes trata o artigo, os seus sonhos e anseios, resgatando o olhar dos jovens a partir da pesquisa realizada. A segunda parte traz a questão sob o viés da Sociologia da Educação de Bourdieu e da Pedagogia de Paulo Freire, abrindo um diálogo sobre o tema que leva em consideração o contexto em que os jovens estão inseridos, qual seja, o Brasil do Século XXI, abordando aspectos como seus projetos de vida e protagonismo.

Pensar o protagonismo juvenil e o projeto de vida dos jovens, principalmente no contexto urbano, com todos os desafios que isso supõe, é um dever de todos aqueles que desejam acompanhar jovens e colaborar para a sua formação e, também, de todos os que estejam comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e solidária. Ao mesmo tempo, devemos colaborar para que, nos espaços em que estejam inseridos – seja nas instituições formais (escola, universidade, família, Igreja, etc.) ou no

³ <http://www.belasmensagens.com.br/frases-de-paulo-freire.php#ixzz20ivUt3cS>. Em 15/07/2012.

⁴ <http://pesquisa.osonhobrasileiro.com.br/index1.php?mod=5> acessado em 22 de junho de 2012.

trabalho, grupos de afinidade, ONGs e outros –, os jovens possam ser protagonistas e conquistar os seus projetos de vida.

2. QUE JUVENTUDES SÃO ESSAS?

"[...] para mim, é impossível existir sem sonho. A vida na sua totalidade me ensinou como grande lição que é impossível assumi-la sem risco."
Paulo Freire⁵

Ao pensar qualquer categoria sociológica, não podemos desconsiderar o espaço-tempo no qual esta está inserida e as diferentes facetas que adquire desde esse contexto, sendo construções sociais contextualizadas em sua cultura e nas relações que tecem. O mesmo acontece quando pensamos nas juventudes como categoria. É importante deixar claro desde onde e de quais juventudes se tratam e recordar que essa sempre existiu na história, mas não como a concebemos hoje, na contemporaneidade.

Segundo Bourdieu, os limites da juventude na Idade Média eram objeto de manipulação por parte dos detentores do poder, que tinham o objetivo de manter o "estado da juventude, ou seja, da irresponsabilidade" ⁶ (BOURDIEU, 1983, p. 113), evitando assim que os jovens desejassem ascender a seu estado de nobreza. Para Bourdieu, tanto a juventude quanto a velhice são construídos socialmente e as relações entre a idade social e idade biológica são complexas. Como ele mesmo afirma:

...que a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. Seria preciso pelo menos analisar

⁵ Entrevista a Anne-Marie Métaillé, publicada em *Les Jeunes et le premier emploi*, Paris,

Association des Ages, 1978. BOURDIEU, Pierre. 1983. Em português publicada em *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero. P. 112-121

⁶ Ibid.

⁷ UCB. UEA 01 História, Sociologia e Religiosidade dos Adolescentes, 2012.

⁸ Proposta de Emenda Constitucional - A Emenda inseriu o termo "jovem" no capítulo dos Direitos e Garantias Fundamentais da Constituição Federal, assegurando ao segmento direitos que já foram garantidos constitucionalmente às crianças, adolescentes, idosos, indígenas e mulheres.
<http://www.juventude.gov.br/marcos/2010-aprovada-a-pec-da-juventude>, 22 de junho de 2012.

as diferenças entre as juventudes, ou, para encurtar, entre as duas juventudes (nesse caso proletária e burguesa). Por exemplo, poderemos comparar sistematicamente as condições de vida, o mercado de trabalho, o orçamento do tempo, etc., dos "jovens" que já trabalham e dos adolescentes da mesma idade (biológica) que são estudantes: de um lado, as coerções do universo econômico real, apenas atenuadas pela solidariedade familiar; do outro, as facilidades de uma economia de assistidos quase-lúdica, fundada na subvenção, com alimentação e moradia e preços baixos, entradas para teatro e cinema a preço reduzido, etc. (BOURDIEU, 1983, p.114⁷).

No nosso caso, consideramos e utilizamos a expressão "juventudes" tendo como referência os autores Antônio Groppo, Regina Novaes e Regina Freitas, citados por Vanildes Santos e que chamam a atenção para a utilização do termo juventudes, "a fim de ressaltar as diferenças e as diferentes situações em que se encontram os jovens" (SANTOS, 2009, p. 24). Para esses autores, a importância de utilizar o termo no plural tem como objetivo alertar para a existência de várias realidades juvenis que se expressam de diferentes formas e são marcadas por diferenças culturais e desigualdades sociais. Para Freitas (2007), "(...) a juventude é singular e plural. É singular no que se distingue a infância da maturidade, com conteúdos próprios. É plural nos diversos jeitos de viver a juventude, que se diferenciam em razão da classe social, das relações de gênero, da raça/etnia, do local de moradia, da escolaridade e das experiências pessoais."⁸

A fronteira entre a adolescência e as juventudes é frágil e essas se confundem bastante, de acordo com a PEC n.º 65⁹ da Juventude, aprovada pelo Congresso em setembro de 2010, é jovem no Brasil todo o cidadão que tem idade entre 15 e 29 anos, sendo dividida em Jovem-Adolescente, Jovem-Jovem, Jovem-Adulto. Essa PEC foi uma importante conquista dos/as jovens brasileiros/as em relação à conquista de seus

⁹ Ibid.

¹⁰ Extrato da citação feita na UEA 01 História, Sociologia e Religiosidade dos Adolescentes, do curso de Especialização em Adolescência e Juventude da UCB.

¹¹ <http://pesquisa.osenhobrasileiro.com.br/index1.php?mod=5> em 22 de junho de 2012.

¹² <http://educarparacrescer.abril.com.br/pensadores-da-educacao/pierre-bourdieu.shtml>. Em 15/07/2012.

¹³ Idem.

¹⁴ Conf. COSTA, Antônio Carlos Gomes da; VIEIRA, Maria Adenil. Protagonismo Juvenil – adolescência, educação e participação democrática. São Paulo, 2006. FTD

direitos sociais, culturais e econômicos e também um reconhecimento dos jovens como protagonistas participando no desenvolvimento nacional. Porém, as juventudes aqui não são tratadas somente como um momento transitório e uma faixa etária específica, são consideradas desde suas ações grupais e de socialização no espaço até suas experiências, seus desejos e suas realizações, elementos esses que definem seu espaço, as suas rupturas e afirmações na sociedade em que estão inseridos.¹⁰

Por um lado, a juventude é uma construção social que deve ser contextualizada em cada período distinto a que se refere, o que auxilia a compreensão sobre as diferentes formas de interação social que se dá nos processos “biológico, cultural e simbólico, marcados pelas disputas, ritos entre as idades, gênero, classe social e protagonismo” (DEBBERT, 1999, p. 45).¹¹ Por outro, percebe-se que a juventude é uma preocupação social e muitas vezes os jovens são vistos como problema ou como consumistas suscetíveis à moda e ao marketing, assim como também o tipo ideal no sentido de modelo, tanto na aparência quanto no jeito de ser e de se expressar.

Cada vez mais, com as novas tecnologias (ipod, iphone, ipad tablet, celulares etc.), o acesso à internet e às redes sociais virtuais, os adolescentes e jovens ampliam as possibilidades de construção de relações, interações e modos de ser além do espaço/tempo. Isso gera uma complexidade ainda maior a partir desse contexto tecnológico, comunicacional, cultural e econômico em transformação constante.

Nesse contexto, faz-se interessante resgatar o olhar dos jovens sobre si mesmos, investigando o modo como se veem. Essa foi uma das questões abordadas na pesquisa *O sonho brasileiro*¹² que nos ajuda a entender e conhecer os jovens a partir desse olhar. De acordo com a pesquisa, 35% dos jovens definem sua geração como sonhadora, 34% como consumista, 28% como responsável e a mesma porcentagem como batalhadora e comunicativa. A questão do consumo não é relativa somente a uma geração, mas sim a todo um sistema capitalista que incentiva, não só os jovens, mas a sociedade inteira a

¹⁵ Os nomes utilizados são fictícios para preservar os jovens que participaram da entrevista.

¹⁶ <http://pesquisa.osonhobrasileiro.com.br/index1.php?mod=5> acessado em 22 de junho de 2012.

¹⁷ <http://pesquisa.osonhobrasileiro.com.br/index1.php?mod=5> acessado em 22 de junho de 2012.

consumir; porém, os jovens são tidos como o modelo e o meio de convencimento considerado pela propaganda midiática como prioritários. Basta observar os comerciais de televisão e os demais meios de comunicação de massa que veiculam essa realidade, cujos destinatários principais são os jovens. Esse olhar passa a formar o senso comum da sociedade, que na maioria das vezes reduz os jovens a meros consumistas e objetos de propaganda. Para nos aproximarmos dos jovens devemos “limpar” nossas lentes, ou trocá-las para enxergarmos as diferentes juventudes e grupos juvenis que aí estão.

É fundamental que, nos diferentes lugares onde os jovens estão, possam-se criar espaços para que exerçam seu protagonismo juvenil e concretizem seus sonhos e projetos. Eles devem sentir que são apoiados e que acreditamos em suas capacidades, que são aceitos da forma como são e se expressam, com seus diferentes rostos, modos de ser e comportamentos, estilos e expressões. É preciso que se sintam acolhidos e aceitos, com liberdade para ser e atuar hoje, e não vistos apenas promessa de futuro, pois são chamados a serem sujeitos agora.

O desejo de acompanhar o crescimento dos jovens traz consigo o desafio de deixarmos-nos interpelar por sua realidade, libertando-nos de expectativas inadequadas e dos preconceitos, de modo a evitar um olhar desqualificador e idealizado. Somente assim os jovens podem ser reconhecidos como protagonistas e verdadeiros catalizadores de mudanças e sonhos.

3. EDUCAÇÃO: PROJETO DE VIDA E PROTAGONISMO JUVENIL

“Nada é mais adequado que o exame para inspirar o reconhecimento dos vereditos escolares e das hierarquias sociais que eles legitimam” Bourdieu.¹³

“A escola não cumpre apenas a função de consagrar a ‘distinção’ – no sentido duplo do termo – das classes cultivadas. A cultura que ela transmite separa os que a recebem do restante da sociedade, mediante um conjunto de diferenças sistemáticas” Bourdieu.¹⁴

A raiz da palavra “protagonismo” ajuda a entender o sentido e a força que tem a junção de duas palavras gregas: *protos* – que significa o principal, o primeiro – e

¹⁸ <http://educarparacrescer.abril.com.br/pensadores-da-educacao/pierre-bourdieu.shtml>. Em 15/07/2012.

¹⁹ Idem.

agonistes – que significa lutador, competidor, contendor.¹⁵ No seu sentido atual, protagonismo indica o ator principal, ou seja, o agente principal de uma ação, seja ele jovem ou adulto. Mas, quando falamos de protagonismo juvenil, referimo-nos diretamente aos jovens como sujeitos da ação, com um papel central nela.

Um dos espaços privilegiados para os jovens desenvolverem seu protagonismo é a escola, bem como outros lugares voltados para ações educativas e direcionados aos adolescentes e jovens. Ao mesmo tempo, é também nesses espaços que se pode ir construindo o projeto de vida e concretizando os sonhos.

Mas o que sonham os jovens? Questionados sobre seus sonhos os 13 jovens interlocutores desse nosso trabalho – mesmo os que já concluíram uma graduação universitária – disseram que desejam dar continuidade aos estudos, principalmente em nível universitário, ser bons profissionais e, a partir disso, conseguir adquirir casa, carro e ter poder aquisitivo para acessar os bens de consumo, melhorar o padrão de vida, assim como continuar comprometidos com as lutas sociais juvenis e demais questões sociais.

Como expressa Valdir¹⁶, 21 anos, Superior Incompleto, que vê no estudo um meio de melhora profissional e de ascensão social: “Desejo novas oportunidades de estudo e aprimoramento das minhas habilidades como profissional. Meus sonhos e projetos são os de me formar no nível superior e ser um profissional competente, assim tendo oportunidade de conhecer o mundo e ter um bom padrão de vida formando uma família”.

O que se percebe é que as respostas dadas pelos 13 jovens no curso de lideranças juvenis em Brasília correspondem às expectativas dos jovens brasileiros apresentadas pela pesquisa *O Sonho Brasileiro*¹⁷, em que o maior sonho individual dos jovens é a formação profissional e emprego. Algumas das profissões apresentadas nessa pesquisa nacional correspondem às sonhadas por aqueles jovens (medicina, psicologia, professor, advogado, etc.). O diferencial é que chama a atenção, no caso

Conf. COSTA, Antônio Carlos Gomes da; VIEIRA, Maria Adenil. *Protagonismo Juvenil – adolescência, educação e participação democrática*. São Paulo, 2006. FTD

²⁰ Os nomes utilizados são fictícios para preservar os jovens que participaram da entrevista.

²¹ <http://pesquisa.osonhobrasileiro.com.br/index1.php?mod=5> acessado em 22 de junho de 2012.

específico de Brasília, é o que uma jovem respondeu em relação à sua profissão: *“Um futuro profissional. Eu sonho em ser funcionária pública em Brasília, mas no meu futuro religioso quero ser palestrante e procurar ajudar sempre nos movimentos de jovens”* (Angélica, 16, Estudante do EM). Ela não fala diretamente em fazer uma carreira universitária, mas, assim como os demais jovens, sonha com um futuro profissional, porém, em um espaço específico de Brasília: o funcionalismo público.

Desses jovens, além de estudar, 7 trabalham e pretendem dar continuidade aos estudos para exercer outra profissão ou melhorar de posição na profissão em que estão: *“Vislumbro continuar meus estudos nas áreas de Educação e Juventude: pretendo minimamente fazer mestrado. Profissionalmente quero continuar atuando em sala e preferencialmente com o EM e/ou EJA. Quero também viver minha vida com uma companheira e se possível ter dois filhos, um casal. Na verdade, esse último passo é em longo prazo. Quero continuar minha militância eclesial dentro da perspectiva libertadora”* (Paulo Vitor, 27, Ensino Superior e atuando na área da Educação do DF).

Ao mesmo tempo em que desejam também continuar comprometidos e envolvidos nas lutas e questões sociais nas quais estão inseridos, percebe-se que a questão profissional está muito relacionada com as aptidões e a realização pessoal, ou seja: o jovem vê no trabalho um espaço em que pode fazer o que gosta e que propicia a realização de outros sonhos, agradável e gratificante, não somente relacionado à compensação financeira.

Questionados se a Educação podia contribuir para a realização do seu projeto de vida, todos responderam positivamente, vendo nela o meio de realização: *“A educação é fundamental para desenvolvimento da minha consciência crítica, cultural, cidadã e o crescimento profissional”* (Nadir, 19, Estudante de pré-vestibular). Todos os jovens entrevistados que ainda não têm um curso superior afirmaram desejar cursar a faculdade para obter melhores condições de ingresso no mercado, boa qualificação e também melhor formação no sentido dos valores e da cidadania, pois *“Cada dia o mercado de trabalho exige pessoas mais capacitadas e que tenham qualificação profissional, sem estudar é impossível adquirir todas essas qualidades. E para ter uma família feliz, acredito que o valor da cidadania e direitos humanos precisa ser conhecido para serem transmitidos”* (Gislene, 27, Estudante de Serviço Social).

De acordo com a pesquisa *O sonho brasileiro*, 77% dos jovens desejam cursar o ensino superior, porém, se olhamos esse desejo de acordo com as classes sociais, constatamos que essa porcentagem cai para 74%. De acordo com a Teoria da Sociologia da Educação de Bourdieu (1992), as classes menos favorecidas não investem tanto em Educação pelo custo elevado dela, pela necessidade do dinheiro para suprir necessidades mais básicas e por não terem certeza do retorno positivo desse investimento. Ao mesmo tempo, os jovens dessas classes anseiam por começar a trabalhar e ter seu próprio capital. Para a classe média é fundamental que os jovens cheguem a cursar o Ensino Superior, pois é por meio dele que creem poder manter e/ou subir de posição social; já a elite não se preocupa ou se esforça muito para tanto, vez tal realização é tida como dada.

A nossa pesquisa permite identificar que os sonhos dos jovens passam também por organizações e grupos de pertença, por ações concretas, pelo desejo de colaborar nos espaços sociais. O que eles querem é construir sua cidadania e colaborar para que os direitos sejam conquistados, a partir do cotidiano e das ações em conjunto com outros que têm o mesmo sonho, do acontecer dos sonhos coletivos. Como afirma Pedro Vinicius, 28 anos, Estudante Universitário: *"Desejo terminar a faculdade e trabalhar com projetos de caráter social"*. A forma de os jovens estarem no mundo não é a mesma de 1968 e nem a da época da ditadura, é uma presença que se faz nos espaços cotidianos, nas ações em rede, nas mobilizações virtuais, na oferta de si e do que se tem a oferecer ao grupo de pertença ou organização. Nesse sentido, os projetos sociais, vinculados ou não a grandes instituições, têm sido um grande motor das ações de protagonismo juvenil.

As respostas dadas pelos jovens em relação a como a Educação pode ajudá-los nos fazem recordar alguns dos principais objetivos de nosso país, que é "(...) a formação integral do educando, a preparação para a cidadania e a qualificação para o trabalho, visando formar a pessoa, o cidadão e o trabalhador" (COSTA; VIEIRA, 2006, p. 21). Assim, o protagonismo juvenil estaria relacionado principalmente à cidadania, mas não se pode restringi-lo somente a isso, pois também se liga a todas as esferas e espaços sociais. A questão que surge é: até que ponto tais espaços propiciam a concretização desses objetivos?

Percebe-se a redução das desigualdades educacionais no Brasil devido à melhoria nas condições de vida, à distribuição geográfica no país, à obrigatoriedade escolar legal e, também, ao movimento pela democratização da Universidade, que alterou significativamente o perfil dos jovens universitários e ampliou a presença de estudantes das camadas populares nesse espaço. Outra realidade que se verifica são os novos horizontes de escolha profissional, por parte dos setores populares, nos campos da Medicina, do Direito, da Engenharia etc., que antes se restringiam a áreas como a Pedagogia, o Serviço Social e a Enfermagem, por exemplo.

Se olharmos por esse lado, podemos afirmar que sim, a Educação colabora para a concretização do Projeto de Vida dos jovens. Porém, vale a pena resgatar a teoria de Bourdieu (1992) que, embora tenha surgido na década de 1960, muito nos ajuda ainda pensar a Educação em nossos dias. Supunha-se, naquele período, que a escola pública e gratuita resolveria o problema do acesso à Educação e daria igualdade de oportunidades para todos os cidadãos. Assim, os indivíduos estariam em paridade para competir, o que colocaria alguns em destaque por seus dons, fazendo-os avançar por mérito em suas carreiras escolares e ocupar posições superiores na hierarquia social. A escola, nessa perspectiva, seria uma instituição neutra, que difundiria um conhecimento racional e objetivo, selecionando alunos com base em critérios racionais. Bourdieu questiona essa ideia de meritocracia, mostrando que o desempenho escolar não depende, simplesmente, dos “dons” individuais, mas da origem social dos alunos. Onde se via igualdade de oportunidades e justiça social, Bourdieu vê a reprodução e a legitimação das desigualdades sociais. A Educação perde então o papel de instância transformadora e democratizadora das sociedades, tornando-se lugar que mantém e legitima os privilégios sociais.

Os efeitos da massificação do ensino com caráter autoritário e elitista e o baixo retorno social e econômico auferido pelos certificados escolares no mercado de trabalho deixaram frustradas as expectativas de mobilidade social por meio da escola, o que gerou uma crítica ao sistema educacional e fez eclodir o movimento de contestação social de maio de 1968, protagonizado por jovens.

Para Bourdieu, os alunos não são indivíduos abstratos que competem em condições iguais, mas atores socialmente constituídos que possuem uma bagagem cultural e social diferenciada e mais ou menos rentável na escola. Dentro desse

contexto, macrosocial, a escola não é uma instituição neutra, que seleciona os estudantes a partir de critérios objetivos e de acordo com seus dons naturais. Em seu currículo, métodos de ensino e suas formas de avaliação ela cobra dos alunos os valores e as posturas da elite dominante, reproduzindo assim as desigualdades sociais e convertendo-as em diferenças acadêmicas e cognitivas, relacionadas a “méritos” individuais.

Segundo o teórico, o indivíduo está e é condicionado por seu meio social em seus gostos, preferências, aptidões, posturas e aspirações relativas ao futuro profissional; tudo isso tem influência do espaço em que vive e se desenvolve. A partir desse espaço, em sua formação inicial e familiar, ele vai incorporando um conjunto de disposições que conduzem sua vida e ação nos mais variados ambientes, de acordo com sua condição social. Cada indivíduo se caracteriza, assim, pela bagagem que herdou socialmente, incluindo nela também componentes objetivos e externos que podem ser utilizados no ambiente escolar.

Bourdieu situa essa bagagem herdada em diferentes categorias: o capital econômico, o capital social e o capital cultural. O capital social, como ele mesmo diz:

É o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 1998, p. 67).

Para Bourdieu, o capital cultural também é fundamental para dar conta da desigualdade no desempenho escolar entre os estudantes das camadas populares, da classe média e da elite, indo contra a visão das “aptidões” naturais. A “aptidão” ou “dom” seriam também “produtos de um investimento em tempo e capital cultural”, existente em três formas:

No estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas (...) e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação (...), como se observa em relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural – de que é, supostamente, garantia – propriedades inteiramente originais (BOURDIEU, 1998, Pág. 74).

Essa bagagem é transmitida pela família e inclui os componentes que passam a fazer parte do próprio indivíduo. Interessante notar que, no capital cultural incorporado, está inclusa toda a bagagem ligada à “cultura geral”: o interesse e os gostos em matéria de arte, culinária, cultura e esportes, o domínio da língua culta, as diferentes informações sobre o mundo e sobre o ambiente escolar etc. Segundo Bordieu, é o capital cultural que tem o maior impacto na vida escolar do indivíduo e o seu destino.

Para o autor, o capital cultural favorece o desempenho escolar na medida em que facilita a aprendizagem de conteúdos e códigos escolares, pois as referências culturais, os conhecimentos considerados legítimos e o domínio da linguagem culta facilitam o aprendizado escolar e funcionam como ponte entre o mundo familiar e a cultura escolar, não dependendo assim de mérito ou aptidão pessoal e sim de uma bagagem que alguns indivíduos possuem. Enquanto para os estudantes da classe média e da elite o espaço escolar é basicamente a continuação do familiar, para os estudantes das classes populares esse espaço é distante e estranho ao seu mundo, parecendo até mesmo ameaçador.

Essa bagagem herdada por cada grupo social, em função das condições objetivas que caracterizam a sua posição na estrutura da sociedade, constitui um sistema específico de disposições para a ação que seria transmitida aos indivíduos na forma de *habitus*, ou seja, através do acúmulo histórico das experiências, positivas ou negativas, os diferentes grupos sociais vão construindo um conhecimento prático relativo que pode ou não ser recebido pelos seus membros dentro da realidade social concreta na qual eles agem.

Em relação à Educação, as experiências de sucesso ou fracasso escolar pelos membros dos grupos sociais constituem uma estimativa das chances objetivas de aprovação; assim, passa-se a adequar, ainda que inconscientemente, os seus investimentos a essas chances. Dessa forma, cada grupo social investirá uma parcela maior ou menor de esforços, tempo, dedicação e recursos financeiros na formação escolar de seus filhos, na medida em que percebam serem maiores ou menores as chances de êxito. É bom lembrar que os valores do título escolar variam também de acordo com a maior ou menor oferta no mercado; dessa forma, quanto mais fácil o

acesso ao título escolar, menores o seu valor e a possibilidade de uma mobilidade social por meio do mesmo.

De acordo com Bourdieu, três formas de disposição e de estratégias de investimento escolar são adotadas: nas classes populares, onde o capital econômico e cultural é reduzido, se investe pouco ou de forma moderada na Educação porque, a partir do *habitus*, ou seja, da experiência acumulada, há pouca chance de um bom desempenho escolar, uma vez que faltariam recursos econômicos, sociais e culturais para tanto. Assim, o investimento teria retorno incerto, pois se dá em longo prazo e as famílias não têm condições de mantê-lo. Dessa forma, haveria um “liberalismo” em relação à Educação por parte dos pais, que não acompanhariam de forma sistemática o desempenho dos filhos e nem haveria uma cobrança intensiva em relação aos resultados obtidos, sendo também moderadas as aspirações em relação à continuidade dos estudos, privilegiando-se carreiras mais curtas, tais como cursos técnicos.

Já a classe média investe pesado na Educação dos filhos, acompanhando o desempenho escolar deles, uma vez que acredita na continuidade do status quo ou na ascensão social por meio da Educação. Por fim, as elites econômicas e culturais investem de forma intensa na escola, porém, com mais tranquilidade, uma vez que sucesso escolar nesse grupo é tido como algo natural e que não depende de um grande esforço e mobilização familiar, pois as condições objetivas de posse de um volume grande de capital econômico, social e cultural tornam o fracasso escolar algo quase improvável.

Para Bourdieu, a escola e o projeto educativo desenvolvido nela só podem ser compreendidos relacionados com o sistema de relação entre as classes. Assim, a instituição não é neutra na transmissão do conhecimento, estando a serviço da reprodução e legitimação da dominação exercida pelas elites, com uma forma de avaliação arbitrária e que não segue critérios universais, como se quer fazer crer.

Nenhuma cultura pode se considerar superior a outra, mas os valores que orientam os diferentes grupos são arbitrários, não estão fundamentados em razões objetivas ou universais; porém, são vividos como os únicos possíveis ou legítimos. Para Bourdieu, os valores arbitrários são aqueles impostos pela classe dominante. Essa imposição de valores também acontece na escola, pois, apesar de a cultura transmitida por ela não ser superior, a ela se atribui um valor que não está fundamentado em

nenhuma verdade objetiva, mas que é reconhecida como legítima e universalmente válida. A capacidade de legitimação de uma cultura arbitrária nas sociedades de classe corresponde à força da classe social que a sustenta e os valores arbitrários que essa impõe como legítimos são sustentados pela classe dominante. Dessa forma a cultura escolar, socialmente legitimada, é imposta pelas classes dominantes. Só que essa cultura precisa ser dissimulada e apresentada como neutra e, uma vez reconhecida dessa forma, passa a exercer sua função de reprodução e legitimação das desigualdades sociais. Um dos problemas que surge disso é a equidade formal que a escola estabelece entre os alunos, atribuindo de modo igual direitos e deveres a todos e privilegiando, de forma dissimulada, aqueles que possuem uma bagagem familiar privilegiada.

Segundo Bourdieu:

[...] para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais (BOURDIEU, 1998, p. 53).

Para Bourdieu, a dinâmica pedagógica, através da relação igualitária, reproduz e legitima as desigualdades anteriores, pois exige um domínio dos códigos utilizados que nem todos os alunos têm. A linguagem ou códigos de comunicação escolar tem sua rentabilidade, por exemplo, de acordo com o grau em que ela é compreendida e assimilada pelos alunos a partir do domínio do código necessário de decifração dessa linguagem. E esse domínio varia de acordo com a distância entre a cultura arbitrária, apresentada na escola como legítima, e a cultura familiar do aluno. Nesse sentido, como se observou, o aluno das classes dominantes tem na cultura arbitrária escolar a sua própria cultura, enquanto os estudantes das classes populares veem essa como algo fora do seu espaço familiar. Os professores transmitem essa cultura, essa linguagem, igualmente para os estudantes, como se todos tivessem domínio sobre os instrumentos de decodificação.

A escola, ao dissimular essa cultura dominante existente em si, dissimula ao mesmo tempo os efeitos que isso tem para o sucesso das classes dominantes, em detrimento das classes populares. Essas diferenças são vistas como aptidões ou dons "inatos", quando na verdade têm mais a ver com a proximidade ou não da cultura escolar com a cultura familiar. O maior efeito de violência simbólica exercida pela

escola não é a perda da cultura familiar, mas a inculcação, na mentalidade das classes populares, da superioridade e da legitimidade da cultura dominante (BOURDIEU, 1992, p. 52).

Dessa forma, percebe-se que as posições de maior privilégio dentro do sistema educacional universitário são, em sua maioria, ocupadas pelos estudantes da classe dominante. Por mais que se democratize o acesso ao ensino continuará existindo uma desigualdade dentro da esfera educacional, correlacionada às desigualdades sociais e à relação com a cultura dominante, uma vez que a escola dissimula e continua exigindo dos alunos determinadas qualidades e conhecimentos que são distribuídos de forma desigual entre as classes existentes. Assim, as chances de sucesso são desiguais e, nesse sentido, alguns têm condições mais favoráveis que outros de atenderem às exigências da Educação e conquistarem seus projetos de vida de acordo com a formação almejada.

Entre as críticas que se pode fazer à Sociologia da Educação de Bourdieu e suas limitações, por um lado, inclui-se que não se pode desprezar a riqueza do conteúdo escolar que não corresponde pura e simplesmente aos interesses da classe dominante. Por outro lado, a visão dessa teoria é macrossocial e não responde a todos os contextos, pois há diversidades de instituições, de educadores e de projetos educativos; mesmo dentro de uma única instituição, a comunidade educativa não é homogênea e não se podem esquecer os efeitos dessas diferenças no desempenho dos alunos. Ao mesmo tempo, num contexto globalizado, de acesso direto a diferentes espaços e lugares, através da mobilização espacial ou virtual, cada vez mais os jovens têm possibilidades, para além dos espaços educacionais institucionalizados e da própria cultura familiar, de obter mais conhecimento e informação. As novas tecnologias, as instituições educacionais informais e as ONGS, bem como os Centros de juventude e outros espaços de inclusão vêm possibilitando a realização de seus projetos e o seu protagonismo, de forma crescente.

4. UM OLHAR DIFERENCIADO

Há dez anos ensino nesta escola. Jamais conheci nada de sua redondeza além das ruas que lhe dão acesso. Agora, ao ver esta exposição de fotografias que nos revelam um pouco de seu contexto, me convenço de quão precária deve ter sido a minha tarefa formadora durante todos estes anos. Como ensinar, como formar sem estar aberto ao contorno geográfico, social, dos educandos? (FREIRE, 1999, p. 154)

A epígrafe, dita por um professor ao contemplar as fotografias dos arredores da escola em que ensina, retrata bem a prática pedagógica de Paulo Freire, que preconiza a inserção e a contextualização da vida do educando, orientando-nos a não só buscar ensinar a ler e escrever, mas a ler o mundo. Ainda que Freire concorde com Bourdieu em relação a não neutralidade da Educação, ele acredita que ela é uma forma política de intervenção e, por isso mesmo, pode ser um espaço de transformação social, tendo o educador um papel fundamental nesse processo:

Para que a educação fosse neutra era preciso que não houvesse discordância nenhuma entre as pessoas com relação aos modos de vida individual e social, com relação ao estilo político a ser posto em prática, aos valores a serem encarnados. (...) Para que a educação não fosse uma forma política de intervenção no mundo era indispensável que o mundo em que ela se desse não fosse humano. Se a educação não é a chave das transformações sociais, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante. (...) a educação nem é uma força imbatível a serviço da transformação da sociedade, porque assim eu queira, nem tampouco é a perpetuação do *'status quo'* porque o dominante o decreta. O educador e a educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar. E isso reforça nele ou nela a importância de sua tarefa político-pedagógica (FREIRE, 1999, p. 126).

Segundo Freire, se a Educação não é a chave para as transformações sociais, também não pode reproduzir a ideologia dominante, e o papel do educador é justamente mostrar que a mudança é possível. Nesse contexto, o educador tem um papel fundamental na formação dos educandos, a partir do que ele chama de prática “educativo-progressiva em favor da autonomia” (FREIRE, 1999, Pág.127).

Para Freire, o ser humano é uma presença interventora no mundo, transformando-o, pensando em si e sobre si mesmo, lançando-se em direção a sonhos e escolhas, reconhecendo a presença do outro. O ser humano é inconcluso e, por isso mesmo, vive em permanente movimento de busca. Ele acredita na capacidade transformadora do indivíduo e vê na escola um lugar de possibilidades, partindo de uma visão microssocial contextualizada para desenvolver seu pensamento e prática educativa. Ainda que o indivíduo seja um ser condicionado pelo espaço/tempo, Freire não acredita que sua vida e ações sejam totalmente determinadas por esse, pois, se assim o fosse, o ser humano não teria responsabilidade sobre seus atos e não haveria a ética.

Questionados sobre o papel da Educação no protagonismo juvenil, os jovens veem nela um espaço que possibilita o empoderamento, que ajuda a conhecer a realidade e as questões sociais presentes nela, colaborando assim com suas escolhas e ações. *"A Educação pode e deveria ser um meio de libertação e empoderamento, ela proporciona isso quando contribui para que os jovens questionem as estruturas sociais."* (Edvaldo, 27, estudante universitário).

A crítica que Freire faz ao discurso dominante é justamente a de tentar convencer a sociedade de que nada pode fazer para mudar a realidade social em que está e que a prática educativa deve ser a de adaptar o educando à realidade imutável. Ele compreende o homem e a mulher como seres históricos e inacabados e, a partir daí, orienta todo o processo do conhecer, ensinar e aprender de sua pedagogia:

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado.(...) Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo.(...) O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história (FREIRE, 1999, p. 59).

O fato de ser inacabado faz com que o ser humano esteja sempre em movimento e busca, o que nos faz curiosos, abertos à procura e ao aprender. A Educação é uma via de mão dupla, pois é ensinando que se aprende. Essa aprendizagem do ser humano o leva à capacidade de ensinar, que, exercida criticamente, possibilita desenvolver o que Freire chama de "curiosidade epistemológica"; esta, por sua vez, ajuda o educando a superar o ensino chamado "bancário", que é autoritário e tira a criatividade do estudante. O ensino não pode se esgotar no conteúdo e na matéria, mas deve ajudar o educandos a serem sujeitos da construção e reconstrução do saber e, juntamente com o educador, ser sujeito do processo de ensino e aprendizagem.

O educador deve respeitar o senso comum no processo de aprendizagem, valorizando os saberes que o educando traz de sua experiência, construídos

socialmente na prática comunitária. Ao mesmo tempo, deve ajudá-lo a entender a razão de ser desses saberes em relação ao conteúdo pedagógico e estimular sua consciência crítica e capacidade criadora, respeitando a autonomia, a dignidade e a identidade do educando. Mais que transferir conhecimento, o educador deve criar os meios e o espaço para que esse seja produzido e construído. Para ajudar essa construção, é importante que o educador conheça as condições sociais, culturais e econômicas de seus alunos, do meio em que vivem e no qual sua identidade vai se fazendo. É preciso aprender a ver a “leitura do mundo” que os educandos fazem, pois essa leitura precede a “leitura da palavra”, para poder colaborar em seu senso crítico e, assim, descobrir as artimanhas do poder da ideologia dominante que tenta inculcar nos dominados a responsabilidade por sua situação. Nesse sentido, Freire se aproxima da tese de Bourdieu de que a Educação seja uma reprodutora das desigualdades sociais e dos interesses das classes dominantes, legitimando seu poder. No entanto, diferencia-se dela quando incentiva o educador a ajudar os educandos a lerem o mundo, a fim de reconhecerem essa dominação. Como Freire afirma “a isto corresponde a ‘expulsão’ do opressor de ‘dentro’ do oprimido, enquanto sombra invasora. Sombra que, expulsa pelo oprimido, precisa ser substituída por sua autonomia e sua responsabilidade.” (FREIRE, 1999, p. 93)

Olhando nosso contexto atual, percebe-se, mais do que nunca, que o conhecimento vem sendo produzido e partilhado para além dos espaços educativos institucionalizados, seja na escola ou na universidade, em virtude das novas tecnologias e da possibilidade de acesso a elas. A pesquisa *O sonho brasileiro* fala do “jovem ponte”, que transita por diferentes grupos, recolhe suas ideias e pensamentos e os transforma a partir de seu próprio pensamento e ação; são jovens que geram influência e movem sonhos e projetos. Percebe-se que as redes formadas – assim como a flexibilidade e abertura que os jovens têm pra acolher o diferente, além de já terem nascido num mundo global e conectado –, colaboram para que, cada vez mais, o aprendizado e a troca de saberes transcendam o espaço da escola. Porém, isso não exclui a importância da educação formal na construção dos saberes e no desenvolvimento do protagonismo juvenil.

Ainda que o pensamento teórico de Bourdieu seja fundamental para pensar a Educação e eliminar a ideia da meritocracia – aptidão e “dons” naturais –, fazendo-nos reconhecer as diferenças existentes entre as classes em relação ao capital cultural, a

pedagogia de Freire nos abre uma dimensão transformadora. Assim, ela vem mudando todo um contexto educacional no Brasil, contribuindo para que os espaços de ensino sejam cada vez mais facilitadores da formação do homem e da mulher enquanto sujeitos da ação e não simples objetos.

Outra realidade que colabora para que os projetos de vida dos jovens sejam alcançados com mais facilidade através da Educação em nosso país são as políticas públicas de democratização da Universidade, por meio do Pró-Uni, ENEM, das cotas universitárias para negros e estudantes da rede pública de ensino. Mas não podemos nos esquecer de que a manutenção e a permanência desses estudantes no sistema escolar até a conclusão do curso universitário continuam sendo um desafio e um problema a ser enfrentados pelos jovens das camadas mais populares. Por outro lado, as carreiras de maior prestígio social e econômico, que podem gerar mais rentabilidade econômica, continuam sendo pouco acessíveis para as classes mais populares.

Essas conquistas e um maior espaço e possibilidade de dar continuidade aos estudos são resultado do protagonismo juvenil na luta por conquistar direitos e garantir políticas públicas voltadas para sua formação. No contexto histórico de nosso país, o processo de redemocratização dos anos de 1980, o Ano Internacional da Juventude em 1985 e a positivação dos Direitos Humanos, com a Constituição de 1988, contribuíram para que a juventude levantasse a sua bandeira de lutas políticas. Na metade da década de 1990, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) incentivou as reflexões sobre as Políticas Públicas de Juventude nos debates, seminários, estudos e pesquisas, levando os jovens, especialmente os da Pastoral da Juventude da Igreja Católica a se inserem em Conselhos, Seminários e Conferências, tais como a Primeira Conferência Nacional de Políticas Públicas da Juventude de 16 a 18 de junho de 2004.¹⁸ De lá para cá, várias outras bandeiras políticas seguem levantadas, como a Campanha contra a Violência e o Extermínio de Jovens lançada pela Pastoral da Juventude da Igreja Católica no Brasil em 2009. Lutas essas de jovens que acreditam na utopia e têm projeto de vida que passa pela construção de um mundo mais justo e solidário, jovens que acreditam e sonham com um futuro e se colocam a caminho no desejo de serem reconhecidos como sujeitos da ação e não apenas consumistas ou problema social, e que veem na

¹⁸ UEA 04 Políticas Públicas e os Direitos Humanos e Sociais dos Adolescentes e Jovens. EAD Especialização em Adolescência e Juventude da UCB, 2012.

Educação um lugar para exercerem seu protagonismo e um meio de realização do seu projeto de vida: *"A educação abre horizontes para que o jovem possa através do conhecimento e da experiência, saber conscientemente cada escolha feita em sua vida, para daí ser protagonista da sua história"* (Natalia, 19, Cursando cursinho Pré-vestibular).

Freire afirma que, como pessoas "programadas para aprender", a prática educativa é um lugar que possibilita o "exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos" (FREIRE, 1999, p. 94).

Partindo dessa ideia, podemos dizer que a Educação responde de forma positiva no sentido de possibilitar a realização do projeto de vida dos jovens, colaborando para a construção do protagonismo juvenil. Assim, ela se configura num espaço que conta com a presença de grande número de jovens e em que se desenrolam lutas e conquistas de direitos, bem como a realização de sonhos e projetos. Ainda que as formas de ensino e avaliação não tenham atingido a proposta de uma educação libertadora e transformadora em sua totalidade, como coloca Freire, a escola continua sendo um lugar de conquistas e de formação crítica dos jovens. Sendo assim, a Educação é um lugar de realização do projeto de vida e de protagonismo juvenil, justamente pelas organizações e meios que os jovens buscam para nela entrar, permanecer e lutar por seus direitos. Claro que não podemos deixar de reconhecer também que os jovens das camadas mais populares precisam se esforçar muito para ingressar na Universidade, uma vez que as formas de avaliação ainda continuam sendo excludentes e elitistas, baseando-se na chamada "cultura arbitrária", preconizada por Bourdieu; porém, isso não impede os jovens de continuarem lutando por seus direitos e conquistando seus sonhos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi realizado a partir da hipótese da Educação como um dos espaços de concretização do protagonismo juvenil e, ao mesmo tempo, como um meio de realização do projeto de vida e dos sonhos dos jovens, na construção de sua autonomia familiar e econômica. Tanto a pesquisa *O sonho brasileiro*, quanto a pesquisa realizada por nós com os jovens estudantes e líderes de grupos juvenis, demonstram a crença dos jovens na educação como esse espaço privilegiado.

Para aprofundar a discussão, colocamos em diálogo Freire e Bourdieu, ambos inseridos em contextos diferentes, com leitura e visão de mundo distintas. Os autores nos convidam a pensar a postura e a forma de educar e a colaborar para a formação dos jovens para que realmente possam ser os protagonistas de sua história. Nesse sentido, não basta saber juntar sílabas e palavras, é preciso entender o que está escrito e formar um pensamento próprio, com sentido para a vida prática e cotidiana, no espaço em que se está e, assim, construir os próprios sonhos e projetos e serem protagonistas de sua história.

Em sua análise, Bourdieu parte do contexto da secularização na França, em que as escolas se abrem acolhendo tanto os jovens burgueses quanto os filhos de operários, mas mantém a mesma forma de ensinar e avaliar a aprendizagem. Ele quebra o paradigma da meritocracia, considerando o “capital cultural”, ou seja, o que cada estudante traz em si de experiências vividas no seu contexto e que podem facilitar ou não a assimilação do conhecimento, fazendo uma crítica que vê nos espaços educativos uma extensão da dominação e manipulação do poder pela classe dominante. Os conceitos desenvolvidos por Bourdieu seguem sendo muito importantes para se pensar a Educação.

A Educação não pode ser desenvolvida de forma descontextualizada, como algo à parte, e aqui está a grande contribuição de Freire, que vê nela um lugar que possibilita o desenvolvimento do conhecimento e a transformação social, de construção e crescimento do cidadão. Assim, critica o discurso dominante de que não se pode fazer nada para mudar e que entende a prática educativa como um espaço que molda o educando para adaptar-se a essa realidade “imutável”. Ele acredita na capacidade de cada um de aprender, crescer e mudar, desde seu contexto e sua história, com uma presença no mundo de forma transformadora e com capacidade de pensar sobre si mesmo, de sonhar e de optar. Para ele, o ser humano é inconcluso e, por isso mesmo, vive em permanente movimento de busca e transformação. Desse modo, pode interferir no espaço em que se encontra. Para Freire, o educador tem um papel fundamental nesse processo, sendo aquele que instiga e colabora para trazer à luz essa riqueza que se encontra em cada pessoa.

A partir desses três olhares – dos jovens, de Bourdieu e de Freire – é possível perceber a importância da Educação numa sociedade e o quanto ela tem um papel

primordial na construção social e na realização dos diferentes projetos e sonhos de nossos jovens, em direção à sua autonomia. Esse artigo traz apenas alguns aspectos das diversas abordagens que podem ser feitas a partir da leitura e do diálogo com esses autores em relação à Educação e à construção do projeto de vida e cidadania dos jovens.

YOUTHS: BUILDING DREAMS AND PROTAGONISM IN EDUCATION

Abstract: This article is a dialogue between Paulo Freire and Pierre Bourdieu. The authors confront the dreams and projects of young people in building their autonomy and see education as a space and way for its implementation, particularly by being inserted in college, being protagonists of their lives and their history.

Keywords: Education . Young people. Youth participation . Life project .

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **Entrevista a Anne-Marie Métaillé**, publicada em *Les Jeunes et le premier emploi*, Paris, Association des Ages, 1978. Disponível em:

<http://pt.scribd.com/doc/16677551/Pierre-Bourdieu-A-Juventude-e- apenas- uma- palavra>. Acesso em 07/07/2012.

_____. **Escritos de Educação**, Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 7ª Edição.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da; VIEIRA, Maria Adenil. **Protagonismo Juvenil – adolescência, educação e participação democrática**. São Paulo, 2006. FTD. Fundação Odebrecht.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Coleção Leitura.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA. Centro Católica Virtual/Educação a Distância. Curso de pós-graduação lato sensu em educação à distância. **UEA 01 História, Sociologia e Religiosidade dos Adolescentes. EAD Especialização em Adolescência e Juventude da UCB**. Disponível em:
<http://www.catolicavirtual.br/conteudos/pos_graduacao/adolescencia_juventude/html/metodologia/>. Acesso ao conteúdo com login e senha.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA. Centro Católica Virtual/Educação a Distância. Curso de pós-graduação lato sensu em educação à distância. **UEA 04 Políticas Públicas e os Direitos Humanos e Sociais dos Adolescentes e Jovens. EAD Especialização em Adolescência e Juventude da UCB**. Disponível em:
http://www.catolicavirtual.br/conteudos/pos_graduacao/adolescencia_juventude/
Acesso ao conteúdo com login e senha.